

Gonçalo Cadilhe nem sempre transporta as pranchas de um lado para o outro, optando por comprar, alugar ou pedir emprestadas nos diferentes países visitados todos os anos



# GONÇALO CADILHE viajante e surfista

O conhecido cronista e viajante contou a A BOLA como faz para matar o vício do surf em 17 anos de viagens pelos quatro cantos do Mundo  
● Iniciou-se na modalidade na adolescência, no mar da Figueira da Foz, um dos seus locais de eleição apesar da menor importância das ondas

por  
GABRIELA MELO

**G**ONÇALO CADILHE, 41 anos, fala em «mágoa» quando recorda a primeira prancha, vendida para comprar outra e depois outra e... Na Figueira da Foz, sinónimo de casa, onde regressa sempre em quase duas décadas de viagens, juntou «umas 15 ou 16 pranchas» com o tempo, várias «muito velhinhas», poupadas ao confronto com o mar. Mas «a questão sentimental» por detrás da decisão de perpetuar as memórias de cada uma é quase uma ferida aberta devido à ausência da primogénita. «As grandes emoções da minha vida aconteceram em cima daquela prancha, onde aprendi a fazer surf», recorda o cronista do semanário Expresso e da revista Surf Portugal, documentarista e viajante, em Lisboa, durante curta interrupção da permanente peregrinação pelo mundo.

E com a venda da primeira prancha morreu a esperança de

voltar a abraçá-la. Surfistas suíços a gozar férias na Figueira da Foz foram os compradores da valiosa peça. «Levaram-na e não tenho qualquer esperança de recuperá-la», admite um pesadoso Gonçalo Cadilhe. Também é preciso reviver o Portugal do passado recente para perceber os motivos da separação: «Comecei a fazer surf com 11 ou 12 anos. É um pouco difícil definir uma data porque o processo foi gradual. Fui-me aproximando e nunca mais parei. O País era muito pobre e não havia pranchas no mercado. Eram caríssimas para o nível de vida dos portugueses. Por isso, todas as pessoas da minha geração venderam a primeira prancha para adquirir a segunda. Comprávamos aos viajantes — aos estrangeiros de passagem.»

**Há 30 anos, as pranchas eram caríssimas e os portugueses compravam e vendiam material usado**

## A VOZ DA EXPERIÊNCIA

Volvidas três décadas, Gonçalo Cadilhe feito homem e eterno explorador, que troca a prática conferida pela licenciatura em Gestão de Empresas por incerta vida aventureira, socorre-se igualmente do

mesmo tipo de artifícios dos suíços nas partidas pelo planeta fora. A argumentação é irreprensível. «Não é fácil andar de prancha às costas», nota o cronista. «Vale a pena o esforço quando vamos para uma praia durante um ou dois me-

ses. Temos o problema de lá chegar mas depois paramos e resolve-se. No meu caso — sempre em movimento, a mudar de cidade todos os dias, apanhando autocarros ou boleias —, transportar uma prancha é impensável.»

Se «há sítios onde se justifica mandar fazer uma prancha» em qualquer paragem das deambulações intercontinentais, alugá-la numa escola ou loja é hipótese noutros, além do recurso ao material dos amigos. «Cada país é

único em termos de solução. Mas como viajo há 17 anos, conheço pessoas com pranchas para emprestar em todo o lado», explica Gonçalo Cadilhe.

No entanto, paragem na longínqua África do Sul, pátria de onda aclamada mundialmente, implica com frequência a posterior retoma da caminhada com uma prancha debaixo do braço, traçada à medida da ambição de Gonçalo Cadilhe pelo shaper Mike Meyer, com quem partilha «a espiritualidade do surf». É a este amigo sul-africano de longa data, reputado fabricante artesanal de pranchas, com atelier na cidade costeira de Jeffrey's Bay, que o surfista português entrega a tarefa de conceber as que leva para o mar. «Ele sabe exactamente o que espero de uma prancha. Temos a mesma visão do surf, completamente desactualizada. Falamos muito destas coisas nos nossos grandes jantares e caminhadas.»

No mar de Jeffrey's Bay também está a onda que melhor traduz «o ideal de surf» do viajante. Uma onda «muito, muito comprida, a quebrar paralela à costa, rápida ao mesmo tempo», assentando como uma luva na procura de Gonçalo Cadilhe. Em dias específicos «os surfistas conseguem fazer quase um quilóme-

**Evita Peniche e Ericeira porque «há gente a mais e enorme agressividade»**

tro na descida se interpretarem bem a onda».

## FIGUEIRA DA FOZ DOS AFECTOS

A modesta Figueira da Foz é o principal cenário de «imensos dias de surf que ficaria até ao fim da vida». «A minha Figueira da Foz», acentua o cronista. Onde nasceu e se iniciou na modalidade com a vizinha Estrela, no Verão de 1980, como já escreveu nas páginas da Surf Portugal (textos compilados em No Princípio Estava o Mar - Surf, Viagens e Outras Inquietudes, chancela Prime Books). «Vivi dias inultrapassáveis. Talvez por as minhas raízes estarem lá. É a minha casa e tem sempre a ideia do lar doce lar, mesmo passando mais tempo fora», justifica Gonçalo Cadilhe.

Ponto assente que «as melhores ondas de Portugal situam-se em Peniche ou em Ericeira», onde o surfista nunca se faz ao mar porque «há gente a mais e enorme agressividade». Também faltam os afectos. «Sou perfeitamente feliz com as ondas da Figueira da Foz», confessa ainda, antes de concluir em jeito saudosista: «O que trago no sangue vem de lá. Quando venho a Portugal só quero estar em casa — não quero viajar. Ser de um sítio é pertencer, não é?»



Ondas indonésias figuram entre as melhores do planeta para a prática de surf



Quando está no mar, surfista português limita-se a acompanhar a onda porque rejeita o enfoque nas manobras com possibilidade de execução



## A poesia do surf na relação única com a onda

Gonçalo Cadilhe anda sempre com uma prancha ou uma guitarra debaixo do braço. Já aprendia música quando usou uma prancha pela primeira vez e o vício do surf invadiu o corpo, tornando-se «a força mais importante» da vida do saltimbanco.

«O surf é uma obsessão para todos os praticantes. Acontece o mesmo noutros desportos. É uma exigência do corpo», admite o viajante, chamando à conversa o exemplo do escritor japonês Murakami Haruki, compulsivo adepto de jogging há uns 30 anos. «A música também é um vício mas mais suave. Fico nervoso quando não toco durante muito tempo e tenho comprado guitarras durante as minhas viagens só para afastar esse stress.»

Gerir a necessidade do surf é tarefa mais complicada. Cronista de viagens em

várias publicações, sem vínculo laboral, Gonçalo Cadilhe nem sempre pode adaptar os itinerários aos gostos pessoais e já passou «seis a oito meses» longe do mar, «o que é muito».

A semelhança da música e da escrita, o viajante concebe o surf como «uma forma de expressão, comparável a um fotógrafo ou pintor no sentido de paixão». Auto-inítula-se em «dilectante com prosodias» porque a condição física é um meio para atingir um fim criativo proporcionado pelo surf. Por este motivo, Gonçalo Cadilhe centra-se apenas na relação com a onda quando se faz ao mar. «Não me interessa o enfoque naquilo que faço mas naquilo que a onda faz. Limto-me a acompanhá-la. Cada onda é única e é só tu atento a este diálogo.»



Gonçalo Cadilhe viaja há 17 anos e já visitou o Afeganistão, para onde seria impensável levar uma prancha; mas não terá resistido a uma 'surfada' em El Salvador



Escrevindo impressões da viagem à Índia, com uma prancha encostada à parede